

# INTRODUÇÃO



A sorte que coube ao imperador Juliano foi realmente miserável. Nenhuma figura, na decadência do Império, foi mais original, mais interessante, mais atraente que ele. Mas a tradição eclesiástica foi para ele uma inimiga terrível; marcou-o com o estigma do apóstata, condenando-o, assim qualificado, à abominação e à obscuridade. É fácil entender como isso aconteceu. A intenção da Igreja era criar polêmica. Pretendia, sobretudo, tornar odioso o homem que tentou feri-la de morte. Como sempre na polêmica, a verdade cede lugar à paixão e ao interesse partidário, mas o historiador e o crítico não podem se deixar aturdir e confundir pelos clamores da disputa; sua tarefa é dissecar objetivamente e com total imparcialidade o fato ou o homem que estão sobre sua bancada de experimentação e observação, tentando captar a verdade em sua realidade essencial.

Ora, é claro que as invectivas e maldições da Igreja não anulam o fato de que, no imperador Juliano, seja o homem, seja a ação são singularmente interessantes. Não há estudo histórico mais atraente que a pesquisa das origens, das causas, das consequências da restauração politeísta tentada pelo jovem imperador. Tais invectivas e maldições não são capazes de esconder a verdade para quem olha apenas a história e os documentos. E a verdade é que Juliano foi um homem genial por excelência, um homem que, depois de passar a adolescência e a juventude mergulhado nos estudos, distraído apenas pela expectativa de ser trucidado a qualquer momento por ordem do famigerado primo que ocupava o trono imperial, teve de assumir inesperadamente o supremo comando militar em uma posição que parecia desesperada. Nela, em pouco tempo se revelou um general de altíssimo valor, conduzindo

do uma campanha maravilhosa, coroada por vitórias esplêndidas. Sua vida pública cabe no breve ciclo de oito anos, de 355, ano em que é enviado às Gálias para enfrentar as invasões germânicas, até 363, ano em que cai no campo de batalha, combatendo heroicamente os persas. Foram oito anos de uma vida agitada, plena de aventuras e preocupações administrativas e militares. Contudo, o jovem imperador, que morreria aos 32 anos, nunca abandonou os estudos, nunca interrompeu as atividades literárias e achou modo e tempo de tornar-se um dos homens mais cultos de seu século, o último escritor, o mais brilhante, o mais agudo da decadência grega. Austero nos costumes, animado por aspirações ideais, de inteligência maravilhosamente versátil, excelente em todas as coisas às quais se dedicava, Juliano é uma aparição que merece uma investigação profunda. É, como diríamos hoje, uma figura fascinante. É verdade que sua tentativa de frear o avanço do cristianismo e reconduzir o Estado ao culto politeísta era equivocada em princípio e revelava um espírito guiado mais por fantasmas filosóficos do que por uma apreciação exata das condições morais e intelectuais da época. Mas, justamente, nada é mais interessante que pesquisar as causas que levaram um espírito tão agudo e tão preparado a cair num erro tão grave; nada mais curioso que segui-lo em seus esforços para dar vida a seu ideal, que ouvir de sua própria boca ou descobrir em seus escritos as intenções que o moviam, os objetivos que mirava, as esperanças e desenganos que o acompanhavam.

A Igreja foi bem mais feroz com Juliano do que com qualquer um dos imperadores que a perseguiram a ferro e fogo. No entanto, embora tenha iniciado uma sistemática restauração do politeísmo, Juliano não derramou, por iniciativa sua, uma única gota de sangue pela causa que era muito mais importante para ele que suas ações guerreiras e reformas administrativas. Ao contrário, como veremos, proclamava oficialmente o princípio da tolerância e não queria conversões forçadas. Mas a Igreja era animada por um instinto seguro. Sentia que a perseguição era, afinal, uma força a seu favor e um instrumento de vitória. Quanto mais perseguida era, mais poderosa ficava. Acostumada a enfrentar impavidamente a violência, recuou assustada diante desse jovem que, do trono imperial, pregava o retorno ao politeísmo em nome da razão e da moral. Era algo tão novo e inesperado, que a Igreja viu nele um perigo maior do que era na realidade. Até então, nenhum dos perseguidores havia entrado no mérito do cristianismo. Perseguiam-no

porque pensavam que era perigoso para a sociedade e para o Estado, mas ninguém havia pensado em examinar suas bases filosóficas e históricas. O trabalho crítico de Celso permanecia quase isolado. Mas agora, era um imperador, sobrinho de Constantino, quem se declarava apóstata do cristianismo e pretendia justificar a própria apostasia com a demonstração da irracionalidade e da ausência de base histórica de uma religião que naquele momento parecia ter vencido qualquer resistência. Nada poderia parecer mais ofensivo para uma Igreja que já estava acostumada a reinar como soberana absoluta e que certamente considerava intolerável qualquer discussão sobre sua autoridade. Em breve, a lança de um persa iria livrá-la de qualquer preocupação, mas sem conseguir apagar a memória da temida e odiosa tentativa. A Igreja vingou-se condenando o nome de Juliano ao opróbrio e sua história e seus livros a um injusto esquecimento.

Começaremos nosso estudo com um rápida passada pela vida de Juliano e examinaremos, em seguida, o ambiente religioso e filosófico em que viveu. Nós nos deteremos mais longamente em sua tentativa de restaurar o culto politeísta e as antigas ideias religiosas. Encontraremos em nosso caminho muitas oportunidades de tecer interessantes considerações sobre a natureza dos movimentos religiosos, sobre os efeitos que produziram e sobre as razões tanto de suas vitórias, quanto de suas derrotas.

Juliano pode ser estudado em sua vida, em seu espírito, em suas ações, com uma extensão de informações e uma aproximação da verdade bem maior do que geralmente acontece com os personagens da história antiga. Isto decorre, em primeiro lugar, da existência de três fontes de importância singular, todas contemporâneas do personagem de quem falamos, que são as histórias de Amiano Marcelino e os discursos de Libânio e de Gregório de Nazianzo; em segundo lugar, e acima de tudo, da conservação dos escritos do próprio Juliano, que são a mais interessante revelação de seu espírito inquieto.

Amiano Marcelino, nascido numa família nobre de Antióquia, entrou ainda jovem na carreira militar, assumiu altos cargos e participou de importantes campanhas. Em 350, foi designado pelo imperador Constâncio para acompanhar o general Ursicino, a quem havia sido confiada a defesa do Oriente. Em 354 foi a Milão com o próprio Ursicino e seguiu com ele para a Gália, a fim de combater a rebelião de Silvano. Morto Silvano, foi enviado para o Oriente, onde estava quando Juliano assumiu o posto

de Constâncio. Foi um devoto e fiel admirador do jovem soberano, que acompanhou na expedição à Pérsia. Há indicações de que Amiano abandonou a carreira militar depois da catástrofe de Juliano e retirou-se para uma vida tranquila em Roma, onde, como sabemos por uma carta de Libânio, escreveu suas histórias, que chegaram a nós de forma fragmentária. Amiano Marcelino é uma testemunha preciosa pela serena imparcialidade de seu julgamento. Escritor medíocre e pesado de um ponto de vista literário, mas consciencioso, exato, grande conhecedor das coisas militares, ligado a Juliano por uma admiração afetuosa, que não toldava, contudo, a sua percepção da verdade, mesmo quando não enaltecia seu herói, Amiano deixou-nos uma narrativa na qual podemos depositar uma fé segura. No mínimo porque, com alma de soldado e homem de ação por excelência, ele não tinha, embora não fosse cristão, nenhum interesse pela obra de restauração religiosa iniciada por Juliano e, portanto, trata quase exclusivamente do comandante e do príncipe. O filósofo e o pontífice só aparecem de passagem nas páginas do honesto historiador. Contudo, a imagem do jovem imperador surge cheia de vida de sua singela pintura, de modo que o leitor é levado a sentir pelo herói, cuja saga acompanha, um pouco da devoção, temperada por algumas críticas, que inspira o narrador em sua história e em seus julgamentos.

Libânio foi um dos personagens mais notáveis do mundo helênico no século IV. Nativo, assim como Amiano, de Antióquia, literato e retórico insigne, espalhou sua atividade literária pelos grandes centros do Oriente, Constantinopla, Nicomédia, Antióquia, durante os reinados de Constâncio, Juliano, Valente e Teodósio. Professor de retórica, manteve, por designação governamental, uma escola pública em cada uma dessas cidades, que os jovens procuravam para adestrar-se naquela arte tão formal que constituía o ensino literário da época. Entusiasta amador das tradições helênicas, Libânio odiava o cristianismo e acreditava que a salvação do mundo estava no retorno ao mundo antigo. Era exclusivamente um literato, um orador; faltava-lhe o espírito filosófico. Seus discursos não passam de exercícios de eloquência, muito interessantes pelas coisas que narra e pela pintura do ambiente, mas vazios de pensamento. Libânio era um hábil artífice de frases. Espírito superficial, impressionável, vaidoso, teve uma vida agitada, combatido por rivais, obrigado a mudar a sede de seu magistério de Constantinopla para Nicomédia, de novo para Constantinopla e finalmente para Antióquia, ora perseguido, ora exaltado, mas sempre vencedor de tudo e de todos graças à grande

fama de que desfrutava e à autoridade de um nome respeitado por todos os homens cultos de seu tempo.

Libânio está demasiado esquecido atualmente. Seus escritos numerosíssimos e seu rico epistolário, em grande parte conservados, o que é raro, são uma das coisas mais viçosas da literatura antiga e oferecem uma representação expressiva da sociedade do Império do Oriente, no século IV. É curioso observar que a decadência do espírito e da literatura grega foi menos rápida e menos profunda que a decadência do espírito e da literatura latina. Enquanto esta última havia desaparecido completamente, para ressurgir apenas com os escritores eclesiásticos, no Oriente as vivíssimas chamas do movimento intelectual permaneciam acesas, conservando tradições literárias que possibilitavam o surgimento de escritores como Juliano e Libânio. Este último, um espírito superficial, mas brilhante e muitas vezes animado por uma inspiração genuína, como dissemos, deixou-nos em seus discursos, geralmente longos demais e faltosos na composição, páginas realmente belas e sentidas.

Conheceu Juliano ainda jovem, se não pessoalmente, pelo menos de fama. Como tantos outros, depositou nele as suas esperanças. Era, portanto, natural que saudasse com verdadeiro entusiasmo a estrela do novo imperador, recém-surgida no horizonte, aprovando e apoiando ardorosamente a sua empresa de restauração helênica. É natural também que a queda repentina de tantas esperanças fosse motivo de profunda desolação. Desses sentimentos de alegria e dor, Libânio nos deixou um testemunho eloquente em sete discursos, quatro dos quais escritos durante o breve reinado de Juliano. Dois deles, *Saudação*, pronunciado quando da entrada de Juliano em Antióquia, e *Ao imperador cônsul*, escrito por ocasião do consulado de Juliano, são hinos de alegria pela inauguração da nova primavera helênica, desejada pelo genial imperador. Outros dois discursos, *Embaixada* e *Discurso da ira*, são destinados a reconciliar um irritado Juliano com a frívola e *frondeuse* Antióquia. Os dois últimos, *O lamento solitário* e *Necrologia*, são gritos de dor pela morte do herói. *Necrologia* é uma verdadeira história de Juliano. O plangente Libânio narra longamente toda a vida do imperador. É um documento fundamental para quem deseja estudar Juliano e seu tempo. O discurso *Da vingança* foi escrito dezesseis anos depois da morte de Juliano e dirigido ao imperador Teodósio, quando ele foi convocado por Graciano a assumir o Império do Oriente. Libânio, completamente iludido a respeito das convicções do jovem e desconhecido Teodósio, tenta

incitá-lo a vingar Juliano como único meio para induzir os deuses a deter o curso das calamidades que ameaçavam o oscilante Império. Estes discursos de Libânio são certamente uma mina de informações sobre Juliano, mas são preciosos sobretudo como representação da impressão que ele produzia e da aura de simpatia e esperança que o cercava e o estimulava, mas impedia que percebesse a verdade. Claro, Libânio é um aliado, um helenista apaixonado, e não tem a plena segurança de julgamento que se admira no medíocre, mas equilibrado Amiano Marcelino. Tudo o que Libânio diz deve ser recebido com reserva e examinado com uma pitada de desconfiança. Mas não é possível fazer uma ideia clara de quem foi e do que pretendia Juliano sem ler os escritos desse seu devotado amigo e apaixonado admirador.

No extremo oposto a Libânio, temos Gregório de Nazianzo, que faz parte, junto com Basílio e Gregório de Niceia, do terceto de grandes teólogos e oradores aos quais se deve a vitória final de ortodoxia nicena. Nascido em Nazianzo, na Capadócia, em 330, Gregório era coetâneo de Juliano e encontrou-se com ele em Atenas, onde foram colegas de estudos. Mas um era tão apaixonado pelo cristianismo, quanto o outro pelo helenismo. Embora Juliano escondesse prudentemente as suas convicções, Gregório não demorou a percebê-las. Desenvolveu uma súbita e viva antipatia pelo colega, antipatia que logo se transformou num ódio realmente feroz. Como bispo, mas sobretudo como orador, Gregório desfrutava de alta posição no mundo eclesiástico e esta posição, ao aumentar sua responsabilidade, fez com que fosse ainda mais implacável contra os inimigos do cristianismo. É preciso dizer também que sua grande cultura o tornava ainda mais sensível ao perigo que o novo tipo de guerra iniciado por Juliano representava para a religião cristã. A morte de Juliano, que foi um golpe terrível e desolador para os helenistas, para os cristãos – sobretudo para os literatos e filósofos cristãos, como Gregório – foi um alívio inesperado que afastou seu mais terrível pesadelo. Eles saudaram-na com gritos de alegria. Nenhum desses gritos foi mais exultante e impiedoso que o de Gregório, em dois discursos infamantes, as duas colunas infames, como ele mesmo as denomina, que escreveu contra Juliano assim que soube de sua morte. Nesses discursos, Gregório não é um historiador e muito menos um juiz; é um polemista terrível, inspirado por um furor que afasta qualquer serenidade de seu olhar e de seu juízo, mas é também um polemista capaz de altos voos e de uma eloquência que empolga. Se Libânio descreve o júbilo que Julia-



no causou no mundo helênico, Gregório apresenta de forma mais ainda mais viva a impressão de horror que ele produziu no mundo cristão. Os exageros do amor e do ódio corrigem-se mutuamente, e disso deriva uma figura que corresponde à verdade.

Não pode existir exemplo mais curioso da relatividade subjetiva dos julgamentos humanos. Temos aqui dois homens, dois contemporâneos de inteligência aberta, de grande cultura, em suma, duas das mais eminentes personalidades de seu tempo. Um e outro entraram em contato com um príncipe audaz, às voltas com os mais estranhos caprichos da sorte, um príncipe que encheu o mundo com as façanhas que realizou em sua brevíssima, meteórica existência. Um e outro falam desse príncipe em discursos solenes, proferidos quando ele já estava morto, quando já não restava nada de sua obra, quando, portanto, louvá-lo não serviria de nada, nem combatê-lo poderia despertar um interesse polêmico. Pois bem, os dois mostram-se tão exaltados, ou melhor, tão cegos pela paixão que, enquanto para um o príncipe é um milagre de virtudes, para o outro, é um monstro de ignomínia. Em torno à sua memória, os partidos continuaram, por algum tempo, a polemizar. Podemos realmente dizer de Juliano que, em vida, ele foi

alvo de imensa inveja [...]  
e de indomado amor.\*

Ele despertou uma tempestade. As ondas dessa tempestade carregaram furiosamente o seu cadáver, lançando-o na praia, desfigurado e destroçado. O que devemos fazer para recompor essa figura em sua realidade? Ouvir o que ele mesmo nos disse e narrou sobre sua vida, suas esperanças, seus desenganos. Lá encontraremos um retrato genuíno, lá poderemos reconhecer o homem real, com seus dotes maravilhosos, com suas fraquezas, e poderemos libertar nosso espírito das imprecisões apaixonadas do cristão e das enganosas apoteoses do pagão.

Nem todos os escritos de Juliano chegaram até nós. Contudo, a quantidade de que dispomos é suficiente para informar plenamente o valor do homem e do escritor. Prosador veloz, como é vivamente descrito por Libânio,<sup>1</sup> não havia preocupação de guerra ou de governo que o impedis-

---

\* *Versos do poema* Il “cinque maggio” [O cinco de maio] de Alessandro Manzoni, dedicado a Napoleão Bonaparte, morto em 5 de maio de 1821. [N.T.]

se de escrever discursos, tratados, sátiras, cartas, nos quais versava toda a plenitude de seu espírito versátil, com um talento natural, ao qual faltava apenas o tempo para aplainar as arestas. São esses escritos que reúnem o pensamento genuíno desse jovem inquieto que, correndo atrás da mais enganosa miragem, desperdiçava as forças de uma inteligência aguda e de uma alma generosa.

Nem todos os escritos de Juliano têm o mesmo valor. Temos, de um lado, os panegíricos, nos quais ele ainda usava os falsos padrões da retórica escolar, que encarcerava toda arte e eloquência num árido receituário de fórmulas. São, como veremos, a expressão de um oportunismo explicável, mas certamente não louvável do jovem e desconfiado príncipe. Temos também os discursos filosóficos, um apressado e pouco orgânico amontoado de doutrinas e símbolos, reunidos no aprendizado neoplatônico. Estes discursos, assim como os panegíricos, são pesados e artificiosos. Considerados como exercícios literários e filosóficos, têm escasso valor em si. São, porém, preciosos como ensaios das tendências e dos hábitos que dominavam nas escolas da época e sobretudo como demonstração do simbolismo místico através do qual o politeísmo ajustava-se às exigências do monoteísmo na tentativa de lutar contra o cristianismo vitorioso.

Ao lado desses exercícios escolásticos, temos os discursos de ocasião, as sátiras e as cartas. Aqui revive, realmente, um espírito original cuja beleza a educação pedantesca não conseguiu obscurecer, um espírito que possuía, em todas as coisas, uma rapidez de percepção, uma sensibilidade genial, uma agudeza de visão e de juízo que dão às suas palavras uma expressão vibrante de autenticidade e verdade. É neles que devemos estudar Juliano. Quando lembramos que esse escritor brilhante, às vezes profundo, às vezes poético, esse satirista agudo, esse pensador maravilhosamente versátil e douto, esse erudito para quem nem a amada literatura helênica, nem a odiada literatura cristã tinham segredos, esse leitor apaixonado e incansável de Homero, Baquílides e Platão, era o mesmo jovem comandante cujas estupendas façanhas guerreiras e indomável coragem são narradas pelo fiel Amiano Marcelino, não podemos hesitar em afirmar que se trata, apesar do erro fundamental de sua vida, de uma das figuras mais notáveis que iluminaram a decadência fatal da antiga sociedade.

A história de Juliano deve ser escrita a partir destas quatro fontes que, sendo contemporâneas, têm valor inestimável. As outras narrativas



da saga de Juliano ou chegaram a nós em condições demasiado fragmentadas e muito ruins para serem tomadas como documentos seguros ou são de autoria de escritores que viveram pelo menos um século depois de Juliano e, portanto, são pouco confiáveis.

As histórias de Eunápio são muito interessantes para o conhecimento de Juliano. Nascido em 347, podemos dizer que era contemporâneo e testemunha dos feitos do jovem imperador, embora ele mesmo diga que era muito criança para formar um juízo direto. Eunápio era um admirador fervoroso de Juliano, e suas histórias certamente davam seguras provas dessa admiração. Justamente por isso, chegaram a nós arruinadas por cegos fanáticos e reduzidas a fragmentos pouco importantes, perda ainda mais deplorável porque Eunápio pôde utilizar as *Memórias* do médico Oribásio, um dos amigos mais fiéis de Juliano.

Mas Eunápio deixou em outro livro, *A vida dos sofistas*, uma série de breves biografias, ou melhor, esboços biográficos dos principais filósofos neoplatônicos, entre os quais Juliano foi educado. Embora seja um escritor bastante limitado, eu quase diria que indigno dos tesouros de erudição que Boissonade e Wyttenbach lhe dedicaram, ele tem, no que diz respeito à história de Juliano, o valor incomparável de ser, ele também, um contemporâneo. De fato, embora pertencesse à geração subsequente à de Juliano, conheceu pessoalmente quase todos os homens que retratou, sendo até parente e aluno de Crisânio, um dos mestres de Juliano. Nele encontramos, portanto, informações preciosas. Ao ler as vidas de Edésio, Crisânio, Prisco, Oribásio e sobretudo a de Máximo, o super-homem daquele pequeno mundo, somos transportados para o ambiente da sociedade neoplatônica, com uma vivacidade nas impressões transmitidas que é bem maior do que aquela que resulta das leituras de historiadores e críticos das épocas posteriores.

Zózimo foi outro historiador bizantino entusiasta de Juliano. Ele demonstra um perfeito senso crítico ao dar importância primordial, antes de qualquer outra fonte, aos escritos do próprio imperador. No entanto, ele pouco ou nada acrescenta ao que já sabemos pelas narrativas de Amiano. Mas é sempre um testemunho autorizado da profunda impressão de grandeza que Juliano deixou em sua rápida passagem pela cena do mundo.

Todos os historiadores eclesiásticos que falaram sobre Juliano pertencem, à exceção de Rufino, ao século sucessivo ao dele. Escrevendo, portanto, numa época muito distante dos acontecimentos que narram,

num ambiente favorável ao florescimento da lenda, completamente carentes de qualquer prudência literária, tendentes a acolher os preconceitos do espírito público que considerava odiosa qualquer lembrança do paganismo, tais autores não podem constituir fontes seguras para nós. Rufino, que, como disse, era mais próximo de Juliano, escreveu a continuação da história eclesiástica de Eusébio, conduzindo-a até 395. Sua narrativa da reação de Juliano é breve e incompleta. Mas foi escrita num espírito de relativa tolerância, dando a impressão de que não conhecia ou não seguia, caso conhecesse, as opiniões do terrível Gregório.

O arianista Filostórgio, que só chegou a nós através de fragmentos remanejados, e Teodoreto, em cujos escritos a história é sufocada pela lenda, não têm utilidade para os historiadores de Juliano. Importantíssimas são, ao contrário, as duas histórias da Igreja, de Sócrates Escolástico e de Sozomeno.

Sócrates Escolástico, que viveu em meados do século V, no reinado de Teodósio II, escreveu, ele também, uma continuação da *História da Igreja* de Eusébio. Seu livro, mais interessante como testemunho das opiniões do tempo que como crítica dos fatos, narra com muitos detalhes o episódio da reação de Juliano. Trata-se de um historiador inteligente e ponderado. É verdade que os discursos de Gregório exerceram grande influência sobre ele, que narra muitos fatos evidentemente lendários ou aumentados pela lenda. Contudo, não se pode dizer que Sócrates Escolástico seja ácido em seus juízos. No conjunto, a história desse escritor equilibrado é um documento que não pode ser descuidado por quem pretenda estudar a vida de Juliano.

Sozomeno, um pouco posterior a Sócrates Escolástico, refez a história deste último, acrescentando cá e lá algumas informações novas, mas intensificando sobretudo os elementos lendários. Este não é o lugar adequado para discutir o valor de Sócrates Escolástico e de Sozomeno, mas é inegável que o primeiro, no que diz respeito à história de Juliano, é uma personalidade literária bem superior. Sozomeno só se distingue do antecessor por ter abandonado a relativa temperança.

A vida e as obras do imperador Juliano são bastante estudadas pela história e pela crítica modernas. É rica a literatura sobre ele. Deixando de lado os estudos necessariamente sumários, que se encontram nas histórias gerais, como aquela, fundamental, de Gibbon sobre a decadência do Império Romano ou aquela, recentíssima, de Villari sobre as invasões bárba-

ras, temos inúmeros ensaios ilustrativos de algum ponto específico dos feitos e do pensamento de Juliano, além de brilhantes artigos, como o famoso texto de Strauss, que aproveitava a história do combatido apóstata como ensejo para criar um transparente tecido de alusões ao romantismo medieval do rei Frederico Guilherme. Mas ainda não existia um livro que, considerando todo o trabalho crítico, tente reviver por inteiro a figura enigmática de Juliano e apresentá-la em seus vários aspectos.

Entre os mais ilustres eruditos que escreveram sobre Juliano, o primeiro lugar é de Neumann, que reconstruiu com admirável agudeza, a partir da refutação elaborada por Cirilo, pelo menos uma parte do tratado de Juliano contra os cristãos – parte pequena, mas preciosíssima para o conhecimento do pensamento de Juliano.<sup>2</sup> Preciso e sereno é o livro de Naville sobre a filosofia de Juliano.<sup>3</sup> Riquíssima de informação e excelente pelas indicações das menores e mais escondidas fontes é a história de Mücke.<sup>4</sup> Contudo, a ausência de uma crítica segura nos julgamentos tira muito do valor do exaustivo trabalho. Interessantes pela história dos feitos militares de Juliano são as recentes pesquisas de Kock sobre a campanha da Gália e as relações entre Juliano e Constâncio.<sup>5</sup> Instrutivo pelos vastos conhecimentos das fontes é o trabalho de Vollert sobre as opiniões de Juliano.<sup>6</sup> Elegante, rápido, embelezado por uma doutrina fácil, é o capítulo sobre Juliano da obra de Gaston Boissier.<sup>7</sup>

Mas entre os trabalhos modernos, os dois melhores escritos sobre Juliano são, a meu ver, o artigo de Harnack, no qual o grande erudito traça com mão de mestre o perfil do apóstata imperial e indica a direção geral de seu pensamento<sup>8</sup> e o livro de Rode sobre a reação de Juliano contra a Igreja cristã.<sup>9</sup> Este último, que é um opúsculo de pouco mais de cem páginas, é uma verdadeira obra-prima pelo rigor da pesquisa, pela lógica densa da demonstração, pela precisão quase matemática do raciocínio. Não focaliza Juliano como um todo, examina um único aspecto. O homem, o soldado, o administrador não figuram no livro. Veem-se apenas o inimigo do cristianismo, o restaurador do helenismo. Embora às vezes seja possível sair do esquema traçado por ele, como veremos, temos de reconhecer, contudo, que é impossível dominar melhor todos os fatores de um problema histórico e apresentá-los num quadro mais evidente.

Mas se menciono esses livros – e poderia citar muitos outros, seja diretamente relacionados a Juliano, seja aos personagens que tiveram contato com ele ou ainda às questões que fervilhavam em seu tempo –, gostaria de acrescentar que não é com base neles que foi feito o meu.<sup>10</sup>

Bebi das fontes originais e com base nelas formei minha convicção. Foram a forte impressão que o conhecimento dos escritos de Juliano produziu em mim, a singular originalidade de sua figura e a possível aplicação dos ensinamentos provenientes de sua história para a evolução do sentimento religioso que me levaram a empreender um estudo, que certamente tem em si elementos de grande interesse.

Antes de iniciar este estudo sobre a vida e o espírito de Juliano, examinemos mais uma vez a singularidade do fenômeno histórico que ele representa. O cristianismo havia triunfado há meio século. Quatro imperadores, Constantino e seus três filhos, abraçaram-no, transformando-se em adeptos fervorosos. A Igreja já havia assumido os hábitos de dominadora absoluta. Seus direitos já não eram mais contestados. O comando do movimento político e intelectual parecia estar nas mãos de seus bispos. Mesmo a profunda divisão entre a ortodoxia atanasiana e o arianismo indicava uma vitalidade exuberante de um organismo suficientemente forte e seguro para dar-se o luxo de cisões e desvios. Se o antigo culto perdurava nos campos, com a tenacidade das populações distantes dos locais onde o pensamento se elabora, nas grandes cidades os templos estavam abandonados e a imensa maioria dos habitantes havia adotado o cristianismo. Tudo, enfim, indicava um estado de coisas que parecia tornar inadmissível qualquer retorno ao passado, qualquer retomada de uma posição que parecia definitivamente abandonada.

Mas eis que ascende ao trono dos Césares um jovem imperador, único herdeiro da família imperial a quem o cristianismo devia seu reconhecimento oficial, e este jovem resolve dedicar-se à restauração do politeísmo helênico. Ele não é guiado por objetivos puramente políticos, como os antigos perseguidores, mas por uma concepção racional. Conhece a fundo o cristianismo, no qual nasceu e foi educado, e conhece a fundo o helenismo, no qual foi iniciado por suas leituras e pelo estudo dos neoplatônicos de seu tempo. Vê e constata os efeitos reais do cristianismo na moralidade do mundo em que vive e infere de tudo isso que o helenismo é preferível ao cristianismo. Seu dever de imperador é propiciar o retorno ao antigo e impedir a difusão de uma religião que traz consigo a destruição de uma gloriosa civilização.

Ora, quando pensamos que Juliano possuía uma inteligência forte e desenvolvida, um ânimo heroico, um caráter virtuoso por excelência, não podemos atribuir essa sua estranha resolução a um capricho, à le-

viandade ou ao impulso de tendências viciosas. Somos levados a pensar que ela foi fruto de um propósito ponderado, que tinha nas condições do ambiente a sua explicação e também, em parte, a sua justificação. Para esclarecer a gênese desse estranho fenômeno, precisamos enfrentar a análise da vida de Juliano e das ideias que dominavam seu espírito indagador e inquieto.

#### NOTAS

1. *Liban.*, edit. Reiske. v. I, 580, 15.
2. *Juliani Imp. librorum contra Christ. quae supersunt.* Leipzig, 1880.
3. *Julien l'apostat et sa philosophie.* Paris, 1877.
4. *Flavius Claudius Julianus nach der Quellen,* Gotha, 1896.
5. *Kaiser Julian. Seine Ingend und Kriegsthaten,* 1900.
6. *Kaiser Julians religiose und philosophisce uberzeugung,* 1899.
7. *La Fin du paganisme.* Paris, 1894.
8. *Real-Encyklopedie: Julian der Kaiser.* Leipzig, 1880.
9. *Geschichte der Reaction Kaiser Julians.* Jena, 1877.
10. Meu livro já estava impresso quando tomei conhecimento de um estudo de Alice Gardner: *Julian philosopher and emperor,* Londres, 1899. Trata-se de um estudo de leitura agradável, elegantemente composto, que esgota, resumindo-a, toda a ação de Juliano e revela uma percepção justa e aguda do valor das várias fontes.